

NARRATIVAS DE FORMAÇÃO: AS HISTÓRIAS DE VIDA E SEUS CONTRIBUTOS PARA AS PESQUISAS EM EDUCAÇÃO

ELIANE GODINHO¹; MÁRCIA ALVES DA SILVA²

¹Universidade Federal de Pelotas – Mestranda: eliane-g-c@hotmail.com

²Universidade Federal de Pelotas – Orientadora: prof.marciaalves07@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho intenciona abordar alguns aspectos relevantes acerca das reflexões teórico-metodológicas sobre histórias de vida em formação, na área de educação, além de problematizar oficinas como um processo formativo do artesanato de si. O trabalho leva em conta histórias de vida de mulheres, mediadas pelas oficinas de artesanato, para além dos espaços formais de educação, valendo-se de narrativas autobiográficas para compreender tal processo.

As pesquisas com histórias de vida na academia são compreendidas nas Ciências Sociais com algumas terminologias diferentes e delimitam-se na perspectiva da História Oral. Autobiografia, biografia, relato oral, depoimento oral, história de vida, história oral de vida, história oral temática, relato oral de vida e as narrativas de formação são modalidades tipificadas neste campo. Já nas pesquisas em Educação, adota-se a história de vida, o método autobiográfico e as narrativas de formação como movimento de investigação-formação, tanto na formação inicial quanto continuada de professores e professoras.

2. METODOLOGIA

Nesta perspectiva, ao trabalharmos com este método investigativo, objetivamos compreender uma vida, ou parte dela para perceber os processos históricos vividos pelo sujeito. Assim as histórias de vida,

[...] adotam e comportam uma variedade de fontes e procedimentos de recolha, podendo ser agrupadas em duas dimensões, ou seja, os diversos “documentos pessoais” (autobiografias, diários, cartas, fotografias e objetos pessoais) e as “entrevistas biográficas”, que podem ser orais ou escritas... são bastante utilizadas em pesquisas na área educacional como fontes históricas... as pesquisas biográficas partem do princípio de que a educação caracteriza-se como uma narratividade (GENOVESI, 2002) intersubjetiva. (SOUZA, 2006, p. 24)

As pesquisas que utilizam-se das histórias de vida, tem sido bastante utilizadas em diversas áreas das ciências humanas e da formação. Pineau (Apud SOUZA, 2006) apresenta uma diferenciação terminológica em relação a abordagem biográfica, evidenciando quatro categorias: “a biografia, a autobiografia, os relatos orais e as histórias de vida”. Biografia como escrita da vida do outro. A autobiografia como o escrito da própria vida. O relato de vida, segundo ele ‘insiste sobre o enunciando de uma intriga sem privilegiar o escrito ou o oral’, utilizando-se em processo de investigação e formação, como também em investigação e intervenção. O termo história de vida é visto como uma categoria,

Tal categoria integra uma diversidade de pesquisas ou de projetos de formação, a partir das vozes dos atores sobre uma vida singular, vidas plurais ou vidas profissionais, no particular e no geral, através da tomada da palavra como estatuto da singularidade, da subjetividade e dos contextos dos sujeitos. (SOUZA, 2006, p. 27)

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os atores e os pesquisadores assumem um papel nesse projeto, processo de investigação/formação, o referido autor nos fala de três modelos, o modelo biográfico, o modelo autobiográfico e o modelo interativo ou dialógico. No modelo biográfico há um distanciamento entre sujeito e pesquisador, visa construir um saber objetivo. No modelo autobiográfico, o pesquisador é eliminado, a expressão de sentido e a construção da experiência estão centradas na singularidade e subjetividade do sujeito. No modelo interativo ou dialógico, a relação entre pesquisador e atores sociais, leva em conta uma co-construção de sentido, há uma dimensão interativa e dialógica, possibilita compreender as memórias e histórias de formação no sentido da investigação/formação tanto para o pesquisador quanto para os sujeitos envolvidos com o projeto de formação.

Devido ao fato da história de vida ser coletada oralmente, ela insere-se no campo da história oral e pode ser definida, segundo Queiroz (1988, p.19) como “[...] o relato do narrador sobre a sua existência através do tempo, tentando reconstruir os acontecimentos que vivenciou e transmitir a experiência que adquiriu [...]”, em Santos (2006, p.29). Quem decide o que deve ou não contar é o sujeito “ator,” partindo da narrativa da sua vida.

Outro ponto relevante é o defendido por Dominicé de que a biografia é um instrumento de investigação e ao mesmo tempo, um recurso pedagógico, que em virtude desta dupla função, contribui significativamente para a educação. E outro ponto é o fato de que tanto para Pineau, como para Dominicé, Finger e Josso,

a biografia educativa vincula-se à Educação Permanente do adulto e instaura-se na singularidade da autoformação em contexto educativo, não comportando generalizações num campo de investigação, e a sua utilização articula-se com um objeto de investigação, o qual vincula-se a um contexto educativo. (SOUZA, 2006, p. 34)

Por conta do que foi exposto até aqui, é possível compreender que a biografia educativa é considerada um recurso farto para assimilar a singularidade das narrativas de formação no processo de construção de identidades. Assim, a metodologia das histórias de vida, como um projeto de conhecimento e também como projeto de formação, no qual as identidades e as subjetividades estão presentes num processo que Josso chama de “caminhar para si”, como produção de existência.

O que evidencia a relevância e o teor significativo para o trabalho com as artesãs, ao utilizar-se desta metodologia. Pois, narrar o encontro com o artesanato, e como se relaciona com ele no ato de criação, mas também em relação ao seu empoderamento financeiro, a arte terapia e como um saber-fazer-poder, para além dos processos educativos, mas nas relações subjetivas estabelecidas e projetadas.

A relevância de tais contribuições para o estudo, no qual venho empenhando esforços, está em pensar como a mulher se relaciona com o seu saber nos espaços-territórios que ocupa. Como essa mulher se reconhece artesã, detentora de um saber específico e quais artifícios que ela usa para potencializar seu saber,

seja em oficinas de criação ou em espaços individuais e/ou coletivos. Outros saberes são extravasados, compartilhados durante as atividades artesanais, como eles se compõem no ato de criação é o que possibilita perceber a artesania como um ato educativo, que possibilita criar e recriar, com sentido e significado atravessados pelas questões do dia-a-dia uma leitura e intervenção no mundo, inclusive as relações de poder, gênero e sexualidade. E quem vai dar voz a este processo são as narrativas destas mulheres.

Pesquisas sobre artesanato, estudos sobre gênero e feminismo, o mundo do trabalho, e empoderamento da mulher são temas e questões de relevância que vêm despertando interesse na academia. A artesania é um tema que proporciona uma aproximação com uma série de acontecimentos que estão silenciados em nossa memória.

Dentre eles, a ideia de artesanato como trabalho, como saber, como produção de resistência e conhecimento, ligados ao processo educativo de constituição do ser mulher. Em linhas gerais e simples, a artesã, mulher, mãe e esposa cuidadora do lar, e as relações que se estabelecem nesses contextos, inclusive de opressão são percebidas nas oficinas de criação. Nesta perspectiva feminista, elaborada por mulheres e para mulheres a partir da hermenêutica feminista valoriza a fala e quem fala. Segundo Edla Eggert,

[...] dizer a sua palavra a partir do seu lugar é fundamental para reinventar outras formas de viver e ver a vida. Dizer o que sente, o que sofre, quais as alegrias vividas, é devolver a dignidade perdida ou ocultada pelas práticas excludentes patriarciais. Pensar sobre as histórias de vida e fazer disso uma prática que repensa a vida é promover o protagonismo e empoderamento das mulheres. (EGGERT, 2011. p. 18)

Essas questões viabilizam um rever, refazer, (re)significar as relações sociais entre os seres humanos. Revelam também a complexidade das relações e a necessidade delas serem pessoais, individuais e/ou coletivas em alguns momentos, mas terem este espaço garantido, quase que como um local para recuperarmos nossa identidade, história, vida, bem estar.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contributos da história de vida, do método autobiográfico e das narrativas de formação como movimento de investigação-formação são de grande valia para as pesquisas com mulheres, pois auxiliam significativamente para que possamos compreender e perceber os processos formativos que compõem a identidade dos sujeitos participantes da investigação onde é possível perceber os processos históricos vividos pelos sujeitos. Para tanto, é necessário mais que habilidade, requer sensibilidade de perceber que no caso do artesanato, o fazer com as mãos pode ser muito mais, pode ser produção cultural, conhecimento e reinvenção de si.

Este processo de conhecermos a nós mesmas/os, não significa apenas compreender como nos formamos, mas também as influências de nossas experiências vividas nos leva a percebermos-nas/os como sujeitos sociais, o que nos possibilita encarar os objetivos de vida de uma forma mais consciente, o que nos leva de fato a sermos sujeitos de nossas existências.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- EGGERT, Edla. (Org.). **Processos educativos no fazer artesanal de mulheres do Rio Grande do Sul.** Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011.
- JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação.** São Paulo: Cortez, 2004
- JOSSO, Marie-Christine. O relato de histórias de vida como desvelamento dos desafios existenciais da formação e do conhecimento: destinos sócio-culturais e projetos de vida programados na invenção de si. In: SOUZA, Elizeu Clementino de Souza, ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Orgs.). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si.** Porto Alegre: EDIPUCRS, 2006. P. 21-40.
- SOUZA, Eliseu Clementino. A arte de contar e trocar experiências: reflexões teórico metodológicas sobre história de vida em formação. **Revista Educação em Questão.** Natal, v. 25, n. 11, p 22-39, jan/abr 2006.